

GOIANOS ILUSTRES EM GOIAZ E EM BRASÍLIA: HISTÓRIA PARA GRANDES E PEQUENOS

ILLUSTRIOUS PEOPLE FROM GOIÁS IN GOIAZ AND BRASÍLIA: HISTORY FOR OLD AND YOUNG

Ana Raquel Costa Dias¹
<https://orcid.org/0000-0002-4534-0354>

Resumo:

Este artigo científico apresenta uma articulação da História da Educação, como campo temático de investigação da História, com a temática da história biográfica, através da análise de lições biográficas apresentadas em dois livros de leitura escritos por Ofélia Sócrates do Nascimento Monteiro. Trata-se dos livros *Goiaz coração do Brasil* (1934) e *Brasília rainha do Planalto: história de Brasília para grandes e pequenos* (1975), escritos destinados especialmente ao ensino de história em um contexto regional. Entre os capítulos e diferentes tipos de gêneros textuais, ambas as fontes dispõem de biografias sobre homens apresentados como ilustres, ocupantes de diferentes tempos e espaços. A problemática desta produção fundamenta-se na escrita biográfica sobre sujeitos ufanistas, como repositório de exemplos, um viés da história regional e o uso desse tipo de registro para o ensino de história, bem como da leitura e escrita inicial no Brasil do século XX. Para tanto, o artigo divide-se em: a biografia da autora e educadora Ofélia Monteiro, a reflexão sobre o livro de leitura como artefato pedagógico e bem cultural, e a problematização das lições biográficas de trajetórias masculinas, presentes em ambos os materiais. Esses veiculam valores, saberes e protocolos de comportamento, considerando se tratar de homens de elite com lutas deflagradas no interior de posições sociais inquestionadas.

Palavras-chave: História da Educação. História biográfica. Livros de leitura. Ensino de história. Século XX.

Abstract:

This scientific article presents an articulation of the History of Education as a thematic field of historical investigation with the theme of biographical history through the analysis of biographical lessons presented in two reading books written by Ofélia Sócrates do Nascimento Monteiro. These books are *Goiaz coração do Brasil* (1934) and *Brasília rainha do Planalto: história de Brasília para grandes e pequenos* (1975), which were specifically written for teaching history in a regional context. Among the chapters and different types of textual genres, both sources contain biographies of men presented as illustrious, occupying different times and

¹ Professora Adjunta da Universidade de Brasília (UnB) - Faculdade de Educação, Departamento de Teoria e Fundamentos (FE-TEF), na área de História da Educação. Mestre e Doutora em Educação pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Coordenadora do GT de História da Educação da ANPUH-GO. E-mail: ana.dias@unb.br

spaces. This production focuses on biographical writing about nationalist subjects, serving as repositories of examples, a bias of regional history, and the use of this type of record for teaching history, as well as initial reading and writing in 20th-century Brazil. To this end, the article is divided into the biography of the author and educator Ofélia Monteiro, a reflection on the reading book as a pedagogical artifact and cultural asset, and the problematization of the biographical lessons of male trajectories present in both materials, conveying values, knowledge, and protocols of behavior, considering that these are elite men with struggles triggered within unquestioned social positions.

Keywords: History of Education. Biographical History. Reading books. History teaching. 20th century.

HOMENS QUE CONSTROEM A HISTÓRIA: UMA INTRODUÇÃO

No entrecruzar dos caminhos semânticos, o verbo prestar – do latim *praestare*, estar na frente —, sofrendo as trasladações que as conveniências da comunicação com ele relacionadas foram impostas, vem a metamorfosear seu primeiro sentido básico e dar-nos o adjetivo do segundo gênero com o significado relevante do homem que está sempre pronto a auxiliar, para daí conduzir à ilação última de excelente, insigne [...] Eis, pois: aquele que é prestante, somente ele é que está na frente. É excelente, é insigne [...] o cidadão prestante logo é, por força de sua posição vanguardeira no progresso da comunidade, um homem que caminha à frente dos demais e que, por isso mesmo, torna-se preeminente (Súmulas, 1975, p. 05).

A epígrafe supracitada introduz a obra *Súmulas Biográficas de Cidadãos Prestantes* (1975), destacando a evolução semântica — processo de transformação do significado de uma palavra ao longo do tempo, que o verbo prestar sofreu. De origem do latim *praestare*, que significa “estar à frente” (observe a ideia de “pré-estar”, ou seja, estar antes), o verbo “prestar” foi adquirindo novos significados ao longo do tempo e conforme as necessidades da comunicação. Passou a significar “estar pronto a auxiliar”. Daí, por extensão, o adjetivo prestante, alguém que é insigne, notável e digno de reconhecimento. Revela-se a metamorfose que a palavra sofre para deixar de significar tão somente uma ação, bem como caracterizar um indivíduo imbuído dessa ação como atitude. As palavras masculinas mencionadas e outras mais, descritas na apresentação do material, direcionam o/a leitor/a ao entendimento e ao cerne basilar da proposta: registrar a biografia de heróis do progresso com o traço comum da “[...] inteligência lúcida, a consciência da meta a ser atingida, uma vontade férrea, disciplina para o trabalho e compreensão de sua importância como realizadores no quadro da vida comunitária” (Súmulas, 1975, p. 05). Nessa obra, assim como em tantas outras com objetivos similares, esses homens são:

[...] apresentados por meio de adjetivos que os diferenciavam de outros, tais como ilustres, notáveis, distintos, louváveis, além de outros que os caracterizam de forma redentora. Esse tipo de produção biográfica apresenta dados que privilegiam, de forma quase que exclusiva, a memória em detrimento

da história, pois os préstimos desses sujeitos para a instrução configuram o sentido de um passado único e coerente (Valdez; Alves, 2019, p. 02).

A obra em questão possui mil duzentas e cinquenta e oito páginas, constituídas por verbetes biográficos de homens pertencentes à elite brasileira, brancos, apresentados na maioria como doutores, ocupantes de cargos políticos, funcionários públicos e das forças armadas, literatos, donos de terra e médicos. Uma nota de rodapé poderia ser interessante neste escrito, para mencionar que algumas poucas mulheres aparecem no livro, como Ada Rogato, Felicidade Carvalho Alves Pereira, Maria Rosa Sousa Pinheiro, Maria Quitéria de Jesus Medeiros, ainda que o livro tenha sido dirigido por uma mulher — Therezinha Nunes Martins. No entanto, é urgente entender que esse tipo de informação precisa deixar de aparecer em notas e observações, como uma espécie de dado coadjuvante e dispensável, sendo objeto e assumindo protagonismo nas escritas históricas.

De todo modo, tal incômodo não se faz como objetivo nessa escrita científica, mas se impõe como um apontamento indispensável ao se refletir sobre a história biográfica. Os nomes, propositalmente escritos por extenso, assim como os outros que aqui serão descritos posteriormente, relacionam-se com a memória, matéria-prima e objeto da história, bem como esclareceu Le Goff (2013). Nesse sentido, considera-se relevante a concepção de Candau (2018), ao atestar que a restituição de nomes próprios pertence a um dever de memória, de modo que apagar:

[...] o nome de uma pessoa de sua memória é negar sua existência; reencontrar o nome de uma vítima é retirá-la do esquecimento, fazê-la renascer e reconhecê-la conferindo-lhe um rosto, uma identidade. [...] A que atribuir essa importância que assume a nomeação? Sem dúvida, isso se deve ao fato de que a memória de um sobrenome, quer dizer, a permanência no tempo de uma identidade atribuída, é uma fonte essencial da totalização existencial (Candau, 2018, p. 68-69).

Para tanto, registrar historicamente nomes, em especial aqueles inexplorados e pouco conhecidos, é atribuir significado e realidade às suas vivências. “O entendimento proposto vai além da terminologia, como elemento de individualização na sociedade, algo íntimo e direito inalienável e imprescritível” (Dias, 2023, p. 70). Candau (2018, p.69) explicou ainda que “[...] não é suficiente apenas nomear para identificar, é preciso ainda conservar a memória dessa nomeação”. Desse modo, na busca por tal preservação, vultos ilustres tiveram destaque na historiografia educacional, enquanto mulheres não obtiveram o mesmo prestígio. Um manifesto exemplo é a presença de tais vultos, como objetos de lições biográficas em livros de leitura que circularam no Brasil em fins do século XIX e início do século XX.

Ademais, assim como ocorreu em *Súmulas Biográficas de Cidadãos Prestantes*, outros escritos se dedicaram na guarda das posturas beneméritas e salvacionistas, em especial se considerarmos um movimento intelectual nascido no interior do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB). Esses materiais serviram como bibliografia para a elaboração de produções

didáticas, como, por exemplo, os livros de leitura anteriormente mencionados, fontes deste artigo² e “[...] primeira manifestação consciente da produção de uma leitura específica para crianças. E, [...] primeira tentativa de realização de uma literatura para crianças” (Coelho, 1981, p. 341).

A guisa introdutória permite situar o contexto de um dos pertencimentos que caracterizam dois livros de leitura específicos, fontes de investigação desse artigo científico. Trata-se de *Goiaz coração do Brasil* (1934) e *Brasília rainha do Planalto: história de Brasília para grandes e pequenos* (1975), livros de leitura escritos por Ofélia Sócrates do Nascimento Monteiro. Na consonância entre a História da Educação e a história biográfica, para além da problematização acerca das lições biográficas sobre homens, como conteúdo no ensino de história regional e nacional para crianças, principalmente, a escolha dessas fontes baseou-se nas poucas investigações³ sobre tais, observando a notoriedade atribuída para sua autoria em comparação com suas produções. Ocorre que é possível identificar na imprensa periódica e nos trabalhos acadêmicos, as menções e os aprofundamentos, concernentes à autora em questão.

Dentre as lições, imagens, narrativas, legislações, sequências cronológicas, canções e poemas, estes livros apresentam capítulos dedicados a biografar homens intitulados ilustres, de Goiás e de Brasília. Os livros de Ofélia Nascimento autorizam a leitora e o leitor a refletir sobre distintas possibilidades investigativas, e as escolhas biográficas se revelam enraizados e confluentes com outras obras, como a mencionada no início dessa escrita, no intuito de se ensinar história por meio de exemplos gloriosos, tecendo fios biográficos educativos. Isto posto, perante a diversidade de questões, objetiva-se apresentar as principais características das lições biográficas presentes nesses livros seriados, considerando algumas similaridades, tendo como recorte temporal o século XX.

Ademais, cabe destacar que essas lições biográficas e os outros ensinamentos apresentados nos livros estudados eram destinados às meninas, apresentadas por Ofélia, como protagonistas, concepção que merece melhores investigações, pois:

O valor da argumentação apontada encontra-se na dimensão temporal e espacial, de mulheres meninas ocupantes de espaços coletivos, exercendo estudos em diversos ambientes e sendo retratadas por uma escritora mulher, em um período no qual havia uma propagação de materiais didáticos escritos por homens, e esses livros de leitura possuíam como objetivo fulcral a transmissão

² Ofélia Sócrates do Nascimento Monteiro autora de *Goiaz coração do Brasil* (1934) e *Brasília rainha do Planalto: história de Brasília para grandes e pequenos* (1975) referenciou em ambos os livros, algumas obras consultadas, como: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* (sem ano); *Anuário de Goiaz*, do Dr. Ferreira de Azevedo (sem ano); *Relatórios de diversos presidentes de Goiaz* (sem ano); *Jornais Goianos* (sem ano); *História de Goiaz de A. do Brasil e Goiaz*, de Taunay (sem ano); *Anuário de Brasília* de Carlos Rodrigues (sem ano); *Correio Braziliense* (vários números não especificados); *História de Brasília* de Ernesto Silva (sem ano) dentre outras.

³ Destaca-se a dissertação de mestrado: DIAS, Ana Raquel Costa. *Passeando pelos arredores: o ensino de História para crianças no livro Goiaz coração do Brasil* (1934). 2018. 169 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação, Universidade Federal de Goiás, UFG, 2018.

de valores, sendo meio de divulgação de formação ideológica, moral e cívica. [...] É preciso considerar que o composto biográfico talvez objetivasse somente atender a legislação educacional da época, todavia a autora procurou, inserindo, nos contos e narrativas, lições diversas, uma forma de falar sobre o universo da mulher, dignificar, enobrecer e mostrar que a mulher faz parte da história brasileira (Dias, 2023, p. 39).

Esse exercício teórico metodológico pode auxiliar no entendimento da instrumentalidade educativa que a escrita biográfica possuía nos estudos das primeiras décadas do século XX, evidenciando uma visão sobre o que era considerado importante no ensino de história regional e nacional, em consonância com o estudo da língua portuguesa. Para tanto, o artigo divide-se em: biografia da autora e educadora Ofélia Monteiro, reflexão sobre o livro de leitura como artefato pedagógico e bem cultural, e a problematização das lições biográficas de trajetórias masculinas, presentes em ambos os materiais. Esses veiculam valores, saberes e protocolos de comportamento, considerando se tratar de homens de elite com lutas deflagradas no interior de posições sociais inquestionadas.

MULHERES QUE CONSTROEM A HISTÓRIA: COM A PALAVRA OFÉLIA SÓCRATES DO NASCIMENTO MONTEIRO

O natalício do jornalista Gelmires Rei foi registrado no periódico *Voz de Luziânia* (1982), ao homenagear o intelectual como um orgulho para a cultura goiana, visto aos milhares de artigos publicados no exercício de reconstituir a história de Goiás, a partir de seu autodidatismo.

Na ocasião, o jornalista afirmou: “[...] ainda há muito ouro nos morros da cidade e nas antigas lavras que fizeram a riqueza de muitos nos séculos XVII e XIX” (*Voz de Luziânia*, 1982, p.16). As falas de Gelmires Reis para a reportagem nos instigam a pensar que ainda no século XX a história desse estado necessitava de melhores investigações. Para tanto, o periódico, no intuito de elogiar o pesquisador, mencionou duas personalidades do estado: a poetisa Anna Lins dos Guimarães Peixoto Bretas (Cora Coralina) e a historiadora Ofélia Sócrates do Nascimento Monteiro. Tais referências podem destacar distintas inquirições, como atribuir reconhecimento aos esforços de mulheres na escrita, seja ela literária ou científica, sobre diferentes aspectos da história regional. Além disso, reunir esses três nomes em um mesmo recorte jornalístico, endossa a concepção da importância dessas pessoas e de seus projetos intelectuais.

Assim como Ofélia e Cora, outras escritoras se esforçaram para contar a história do território dos goyazes, considerando, sobretudo, as conjunturas educacionais postas. No *Dicionário de Educadores e Educadoras em Goiás: Séculos XVIII-XXI* (2017) e no livro *A Mulher, A História e Goiás* (1974) identificam-se nomes biografados de mulheres envolvidas nos atos de construir e narrar histórias sobre o Estado, registrando-as em diferentes tipos de materiais, principalmente revistas e jornais. Através dos livros publicados, é possível crer na afeição de Ofélia Monteiro nos estudos históricos de âmbito regional. Além dos livros de leitura,

Goiaz coração do Brasil (1934) e *Brasília, Rainha do Planalto* (1975), a escritora publicou os trabalhos: *A Escola Moderna* (1925); *Como Nasceu Goiânia* (1938); *Corografia de Goiás* (1942); *Caldas Novas: Estância Hidrotermal do Estado de Goiás* (1942); *A Educação Primária Fundamental nas Zonas de Alto Sertão* (1942); *História de São José de Mossâmedes* (1951); *Rio, Querido Rio!* (1967); *Reminiscência, Goiás de Antanho* (1974). Além dos dicionários inéditos, *Dicionário da Bíblia* e *Dicionário bibliográfico-genealógico* (1983).

Os materiais supracitados são listados na folha de guarda dos livros de leitura, fontes de estudo deste artigo, ao lado de breve biografia da autora. Dedicar uma explanação sobre a educadora possui uma significância, ainda que o objetivo seja problematizar aspectos de específicas produções, pois sua formação e os lugares sociais ocupados marcaram suas escritas, sua maneira de ver e estar no mundo, e de apresentar as crianças aspirantes pelo ensino de história de Goiás e de Brasília.

Figura 1 – Ofélia Sócrates do Nascimento Monteiro



Fonte: Acervo particular Dias (2018).

Faz-se necessário compreender que o livro é portador de um sentido e de uma simbologia, e que o olhar de quem o escreveu e suas intencionalidades sobressaem. Sem a alçar a ‘grandes vultos’ e sem subestimar sua presença na história regional, Ofélia foi uma professora, diretora, promotora de projetos pedagógicos, ensaísta, pesquisadora, historiadora, memorialista, intelectual, pensadora, ativista, produtora cultural, literata, cronista, contista, administradora, educadora, ficcionista, conferencista, oradora e poetisa. Ofélia escreveu a primeira obra sobre a história de Goiás, para fins didáticos no ensino primário, adotada oficialmente.

Nossa autora foi, durante pelo menos duas décadas, uma das principais referências para a formação de professores e exemplo de docência para crianças em Goiás, nos períodos finais da Primeira República e também nos anos que seguiram a 1930. Cultuada e lida por pais, professores e dirigentes políticos, representava Goiás nos eventos pedagógicos nacionais, além de ser pioneira na literatura didática regional, ao escrever o livro que orientaria professores e alunos para a construção de uma ideia de história sobre o estado. Ofélia Sócrates Nascimento Monteiro foi uma mulher de seu tempo, plenamente. Contribuiu para o projeto de educação hegemônico, assumiu seu lugar na história da educação em Goiás e no Brasil, produzindo obras e assumindo tarefas que nos ajudam a compreender as contradições que moveram a cena educativa regional por meio século (Ribeiro, 2017, p. 490).

A *Revista Genealógica Brasileira* (1945) apresenta Ofélia, beletrista, autora de vários trabalhos didáticos e históricos e Catedrática da Escola Normal Oficial. Irmã de Olga Sócrates do Nascimento, ambas filhas de Alcebiades José do Nascimento, natural de Anchieta, Espírito Santo e de Mariana Sócrates, natural de Goiás. Ribeiro (2011) apresenta-a como uma carioca nascida em 1900, que se vinculou desde a infância à Goiás, e que conviveu com os grupos oligárquicos dirigentes na Cidade de Goiás, enquanto capital do Estado, e posteriormente, em Goiânia, quando a capital foi transferida. Casou-se com João Monteiro⁴ aos trinta e dois anos, com quem teve três filhos: Olga Nascimento Monteiro, Goiá Nascimento Monteiro e César Nascimento Monteiro.

A carioca que percorreu os arredores das terras goianas, durante entrevista concedida a Iria Brzezinski, esclareceu que esteve em Goiás pela primeira vez em companhia da família, aos cinco anos, em 1905: “Naquele tempo vinha-se de trem até Araguari (cidade mineira), lá estava a nossa espera a comitiva, como chamavam, preparando os cavalos [...]. Daí foram 25 dias até Goiás”. (Monteiro, p. 1, 1985). Sobre sua trajetória estudantil e profissional relatou:

[...] em 1920 voltei para Goiás, depois de ter me **formado na Escola Normal de São Paulo**. Chegando em Goiás abri uma escola primária, uma das alunas era a filha do Presidente do Estado. Ela aprendeu muito depressa a ler, pelo método que eu levei de São Paulo, **o método analítico, que chamam global**.

⁴ João Monteiro foi professor da Faculdade de Direito, Diretor de Segurança Pública e Secretário-Geral de Goiás. Na obra *Como nasceu Goiânia* (1938), também escrita por Ofélia, João é retratado várias vezes como seu adorado esposo, sendo lhe destinada uma biografia assim como foi feita a Pedro Ludovico.

Então, um dia recebi um cartãozinho do Presidente, perguntando se eu aceitava ser **nomeada para o Grupo Escolar**. Aceitei o convite. Em 1925 foi aberto o **concurso para a diretoria do Grupo Escolar** que estava vaga, eu me inscrevi e passei. Em 1930, quando houve aquela revolução, entrou novo governo e eu fui convidada também para a Escola Normal. **Naquele tempo, não se fazia concurso, só se exigia registro no Ministério**. Em 30 de janeiro de 1931 fui nomeada professora de Didática (Monteiro, 1985, p.2, grifo da autora).

A citação apresenta alguns detalhes que merecem reflexão, como a defesa pelo dito método analítico, como um procedimento herdado de outra localidade geográfica, transparecendo a ideia de modernidade, e que possuía, segundo Ofélia, a aparente competência de ser eficiente. Destaca-se o método analítico como “[...] maneira de ensinar introdução à leitura que começa com unidades completas de linguagem e mais adiante as divide em partes, dividindo, por exemplo, as sentenças em palavras ou as palavras em sons: método global; método olhar-e-dizer [...]” (Harris e Hodges, 1999, p. 182).

As circunstâncias estudantis e profissionais destacadas atestam para uma educadora que se fez presente em duas ambiências educacionais, que carregam características históricas que lhe são próprias e relacionam-se com um processo de feminização do magistério brasileiro, o Grupo Escolar e a Escola Normal. Importante se lembrar, segundo Dias (2023) que tais estudos e atuações eram consentidas, pois alimentavam os anseios de uma parte da sociedade da época. Ocupar esses espaços voltava-se para o fato que:

[...] o trabalho poderia ameaçá-las como mulheres, por isso o trabalho deveria ser exercido de modo a não as afastar da vida familiar, dos deveres domésticos, da alegria da maternidade, da pureza do lar. As jovens normalistas, muitas delas atraídas para o magistério por necessidade, outras por ambicionarem ir além dos tradicionais espaços sociais e intelectuais, seriam também cercadas por restrições e cuidados para que sua profissionalização não se chocasse com sua feminilidade (Louro, 2015, p. 453).

Jane Almeida (2011) esclareceu que a presença das mulheres no magistério, nas primeiras décadas do século XX, significou uma alternativa para que elas vislumbassem uma chance de sustento, sem a obrigação do casamento ou de se submeter à família ou a terceiros. Em sua concepção, como professoras, poderiam continuar desempenhando sua missão nos moldes propostos pela sociedade.

Um meio social que concordava com a relevância da educação feminina para atender aos apelos e interesses da nação por meio de famílias solidamente estruturadas e por considerá-las indispensáveis na educação dos homens, pela via do cuidado materno. **Para as mulheres, educarem-se e instruírem-se, mais do que nunca, foi uma forma de quebrarem os grilhões domésticos e conquistarem uma reduzida parcela do espaço público**. Foi também a possibilidade de se adequarem às normas sociais, ao mundo novo que se descortinava e principiava a selecionar os mais preparados intelectualmente e abria cada vez maior espaço para a sociabilidade (Almeida, p. 147-148, grifo da autora).

Ao se formar na Escola Normal Caetano de Campos⁵ (São Paulo), a educadora se fez egressa de uma instituição tão renomada como a antiga Escola Normal da Corte. Personalidades como Cecília Meireles, Mario de Andrade e Sérgio Buarque de Holanda estudaram nesta que se qualifica como um dos mais significativos monumentos republicanos do Estado paulista, assumindo certo papel na renovação do ensino pré-escolar, e que dispunha de uma cultura material como manuais pedagógicos, livros para leitura, quadros de história, gabinetes, sólidos geométricos e outros artefatos, além de dispositivos de controle, disciplinarização e disseminação de um ideal de modernidade (Souza, 2023) e que provavelmente serviram de inspiração para a elaboração das produções vindouras da professora Ofélia. Pois, o uso e o desuso dos objetos escolares na Escola Normal de Caetano de Campos, favoreceram “[...] a disseminação de um processo de racionalização, a conformação de um projeto de escolarização da infância e revelou as concepções pedagógicas, saberes, práticas e dimensões que constituíram a cultura escolar daquele espaço” (Souza, 2023, p 10).

Segundo Rodrigues (2007), nesse período, ao assumir a direção do grupo escolar, disseminou entre as professoras primárias da capital, concepções consideradas de uma pedagogia moderna, promovendo encontros docentes, com o objetivo de divulgar preceitos dessa nova pedagogia, sendo a responsável pela realização de uma das primeiras experiências de formação em serviço, de professoras e professores do estado de Goiás. Ademais, de acordo com Ribeiro (2017), além dos livros anteriormente listados, no início deste artigo, a educadora produziu diferentes textos, que revelam sua compreensão sobre a escola e o professor junto a um projeto de nação e educação, como se pode identificar no trecho a seguir, publicado no *Correio Oficial* e de autoria de Ofélia Nascimento:

A grandeza de um paíz depende da educação e instrução de seu povo. Si este for bem instruído e educado, grande será sua pátria. Se for analfabeto e rude, seu paíz não progredirá e ocupará sempre o último lugar do mundo. [...] E quem será encarregado desta bella missão, dessa obra monumental? Qual operário deve tomar em suas mãos o diamante bruto que é a creança [...]? Qual sacerdote incumbido de zelar para que não se apague o sagrado fogo da grandeza da Pátria alimmentado-o com o optimo azeite que são os bons cidadãos? [...] O Brazil será grande e forte se forem bons seus professores. *Ter vocação* – Antes de mais nada, o professor precisa ter vocação. [...] O magistério é um sacerdotício. Póde-se ser bom sacerdote sem vocação? Não. Não se faz professor, nasce-se. É a vocação que dá ao mestre o amor ao seu trabalho. [...] Porque ha maós professores? Porque pessoas que não têm vocação se julgam capazes só pelo facto de haverem cursado a Escola Normal [...]. Sendo pobres e necessitando ganhar dinheiro, entendem que podem ser educadoras. Isso é um crime. É pobre e precisa ganhar dinheiro? Procure uma collocação de accordo com suas inclinações. Do contrário esse dinheiro não é ganho honestamente. [...]. É lobo feroz que revestido em pele de ovelha se insinua ao rebanho para mais

⁵ Ainda que na produção da professora Iria Brzezinski (2008) conste a informação de que Ofélia Nascimento formou-se na Escola Normal Caetano de Campos, registra-se na folha de guarda do livro *Brasília Rainha do Planalto* (1975) o dado que professora terminou seus estudos na Escola Normal do Braz também em 1918.

facilmente dizimalo. Façamos guerra aos maós professores! É um dever de patriotismo de todo o bom brasileiro. *Ser abnegado* – Todo sacerdócio exige abnegação. O magistério é um sacerdócio. Sacerdócio divino. [...]. Que é abnegação? É renúncia de si mesmo. E o professor, ao transpor a porta da escola, despede-se do eu. [...]. Na escola o professor aniquila a personalidade. [...]. De onde vem a abnegação? Da vocação. *Ser alegre* – A escola é o reino da criança. Da alegria. Sendo natural da criança a alegria, para que aprenda que a escola seja alegre. [...] o educador deve ser alegre [...] uma criança grande no meio das pequenas. [...] Se o professor for alegre, as crianças o amarão forçosamente [...] tornar-se-ão obedientes, doces. *Ser justo* – Nada pior para a criança que a injustiça. [...] Criança victima de injustiça se torna revoltada. Não se esforça para ser boa. Si o bem não é recompensado e o mal castigado, para quer ser boa? [...] *Ser bom, paciente* – [...] Só amamos os bons. [...] A meiguice e o amor tudo podem. [...] Pela alegria do ente amado fazemos os maiores sacrificios. Assim também as crianças. [...] Professores! Quereis ter uma classe disciplinada? Fazei com que vossos alunos vos amem. Quereis ser amados? Sêde alegres, bons, meigos. Que recompensa tereis? A paz na consciência. [...] E sereis verdadeiramente – BRASILEIROS (Professor.,1930, p. 8-9).⁶

Insta ressaltar, conforme explicou Dias (2018), que as palavras de Ofélia se vinculam à noção de professor, como um soldado da pátria, que possuía uma missão a ser cumprida, em prol do engrandecimento de uma nação. A citação supradita denuncia concepções romantizadas sobre ser professor/a e sobre a infância, e nos instiga refletir sobre como esse tipo de entendimento ainda ecoa e reverbera nas práticas profissionais da docência contemporânea dentro e fora da escola.

A começar pela ideia de vocação, que permite uma valorização excessiva das emoções em detrimento de habilidades técnicas e conhecimentos pedagógicos. Essa visão pode contribuir para um inatismo que precisa ser evitado e para o agravamento da desvalorização da profissão de professor/a. Isso desconsidera a indispensabilidade da formação e do aprimoramento profissional contínuo que o ofício requisita. Ao associar a abnegação como requisito fundamental para ser professor/a, pode-se reforçar a ideia de que estes/as devem sacrificar suas próprias necessidades e bem-estar em prol das demandas escolares, o que pode levar a uma sobrecarga emocional e física, além de deslegitimar o trabalho realizado. A conceituação de sacerdócio divino pode atribuir uma aura inadequada de santidade e sacrifício, facultando uma exploração que não reconhece a atividade docente como profissional e de caráter científico.

Essas reflexões e outras que poderiam ser elaboradas, necessitam ser constantemente lembradas nos contextos educacionais atuais, entretanto, a fim de se evitar qualquer tipo de anacronismo, é basal atentar-se para a conjuntura social e histórica em que Ofélia Nascimento estava inserida ao escrever tais palavras. Ofélia foi uma mulher de seu tempo, atravessada por influências e moldes, responsável por intencionalidades e ações, relacionada com demandas culturais, políticas, sociais, econômicas, dentre outras.

⁶ Em todas as fontes dispostas neste artigo preserva-se a ortografia da época.

Ofélia Sócrates do Nascimento Monteiro foi membro da Academia Espírito-Santense de Letras, da Associação Goiana de Imprensa, da União Brasileira de Escritores de Goiás, do Conselho Estadual de Educação de Goiás, do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás e da Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás (AFLAG).

Sobre sua participação no concurso para o provimento do cargo de diretora do grupo escolar⁷ consta o seguinte registro no *Correio Oficial* (1925, p. 12), “[...] a senhorita Ophélia Sócrates do Nascimento que nas provas realizadas demonstrou conhecimento dos mais modernos métodos pedagógicos [...] estamos certos de que há de nos ilustrar com sua inteligência e patriotismo para elevar o estabelecimento a altura de nossos interesses”. Tal recorte endossa a conduta patriótica da educadora e sua filiação com um projeto social e educativo vigente.

A *Revista de Educação* (1943) tratou de um curso de aperfeiçoamento dirigido por Ofélia, destinado aos professores leigos de Escolas Isoladas. A educadora foi apresentada como competente e responsável por animadores resultados, sendo que o curso lecionado em Goiânia contou com a matrícula de dezenas de profissionais que atuavam no magistério isolado. Esses profissionais participaram com aplicação e assiduidade às aulas, demonstrando, segundo a publicação, o mais elevado espírito cívico. Além dos ofícios reiterados, a escritora, após exercer a diretoria do grupo escolar, assumiu a cadeira de Didática e a direção da Escola Normal da Capital. Conforme explanou Brzezinski (2008), Dona Ofélia fez parte da Comissão Elaboradora do Programa da Escola Normal Rural, formada em decorrência da política educacional intervencionista de Getúlio Vargas, que incentivava a ruralização do ensino, assim como apresentou, na mesma oportunidade, as bases para a Reforma da Escola Normal Oficial.

A autora, brevemente biografada nesta seção, faleceu em 24 de março de 1986 em Brasília. Encerra-se esta parte do artigo com o decreto de sua aposentadoria publicado no *Diário Oficial de Goiás* (n.º 7693, 1957), indicando um viés defendido na imprensa periódica, em consonância com evidentes intencionalidades políticas:

Considerando que Dona Ofélia Sócrates do Nascimento Monteiro tem dedicado toda sua vida ao magistério goiano, com brilho e dedicação extremos, sobressaindo-se como dos mestres que mais serviços prestaram ao ensino e, conseqüentemente, à juventude estudantil em mais de uma geração; Considerando que, a par do professorado que exerceu de maneira nobilitante, consagrou-se também ao trabalho desinteressado e de inestimável valia em favor do adiantamento de Goiás, mormente na fase decisiva em que o Estado reclamava os maiores esforços de seus filhos para empreender a marcha do progresso, cujo símbolo é Goiânia; Considerando que, como escritora, colaborou para traçar novo perfil do adiantamento educacional e cultural de Goiás, seja escrevendo livros didáticos, como “Goiás, Coração do Brasil, e de divulgação de nossas realizações como “Como Nasceu Goiânia”, este, principal repositório de fatos que deram origem e decidiram o espantoso crescimento de nossa Capital; e Considerando, por fim, que reconhecendo-se os relevantes e

⁷ O livro *A Escola Moderna* (1925) foi produzido a partir da tese de concurso à diretoria do grupo escolar da capital.

meritórios serviços prestados à causa pública, é do indeclinável dever do poder público retribuir, com justiça, à dedicação de quem visou desinteressadamente ao bem coletivo. Resolve [...] (Diário Oficial de Goiás, 1957).

A autora das fontes problematizadas neste artigo ocupou as cenas pública e privada, de certa forma, contrariou a ordem vigente de um comportamento feminino tipificado, enfrentou estigmas sociais, ecoou sua voz em impressos escolares e se fez presente na história, na educação e na política. A História da Educação brasileira é feita por mulheres, com trajetórias e produções que devem ser documentadas e contadas. Na opinião de Dias (2018), Ofélia Nascimento foi uma mulher típica do tempo em que viveu, com fortes concepções sobre escola, livro, infância, ensino de história e professor/a. No intento de escrever sobre coisas e fatos de Goiás e Brasília, construiu obras, como será visto, que refletiam uma parte de seus pensamentos e que podem ser vistas como a materialização de uma vida.

MULHERES E HOMENS CONSTROEM A HISTÓRIA: LIÇÕES BIOGRÁFICAS EM LIVROS DE LEITURA

Vítima de complicações orgânicas, faleceu ontem, em Brasília, a pedagoga e historiadora Ofélia Sócrates do Nascimento Monteiro, aos 86 anos de idade. Nascida em 1900 no Rio de Janeiro, Ofélia Monteiro, após cursar o Normal muda-se para o Estado de Goiás e participa do mudancismo, corrente progressista de profissionais liberais e políticos que viam na construção de Goiânia o meio de arrancar Goiás e o Centro-Oeste do marasmo político, econômico e cultural das oligarquias. Ao constatar a deficiência de livros sobre a história de Goiás e da Região Centro-Oeste, escreve em 1932 o livro **“Goiás Coração do Brasil”, que revoluciona didática e pedagogicamente o ensino de História**. O nascer cultural de Goiânia irá encontrá-la como uma das ativistas não só em sua área, mas também no despertar para a coleta e a reunião de documentos para a historiografia. Dessa criteriosa preocupação nasce o livro “Como nasceu Goiânia” editado em 1938 e que até hoje serve como base de pesquisa histórica de toda Região Centro-Oeste. A par de suas lides domésticas, Ofélia Sócrates do Nascimento Monteiro lecionava (veio a se aposentar em 1957), pesquisava e escrevia. Suas obras – iniciadas com “A Escola Moderna” em 1925 – somam 12 livros de pedagogia, didática, historiografia, genealogia e literatura infantil. O último livro escrito por Ofélia Sócrates do Nascimento Monteiro foi **“Brasília Rainha do Planalto”, onde procurou reparar (como fizera em 1932) a lacuna de livros que contassem as primeiras gerações de “candangos”** (como ela referia carinhosamente aos brasilienses), como nasceu Brasília, o que existia antes no espaço onde a cidade está edificada e a justificação da necessidade da nova capital no Planalto Central (Correio Braziliense, 1986, p. 19, grifo da autora).

Nos parágrafos pospositivos, por meio de duas fontes de pesquisa, os livros de leitura *Goiás coração do Brasil* (1934) e *Brasília rainha do Planalto: história de Brasília para grandes e pequenos* (1975), serão problematizadas as lições biográficas dispostas, considerando os nomes, vidas, ocupações e origens dos homens biografados.

Em maio de 1933, realizou-se no Brasil a primeira eleição durante o governo varguista, de caráter legislativo, na qual os eleitos formaram uma Assembleia Nacional Constituinte. O ministro da fazenda Oswaldo Aranha, sobre essa conjuntura, chegou a afirmar: “Só com a Revolução de 1930 poderíamos fazer as eleições de 1933. O escravo foi liberto em 88 e o povo em 33. São estas as duas maiores datas da nossa formação. Não exagero. O futuro confirmará minhas palavras” (Diário da Manhã, 1933, p. 2). Ainda nesse mesmo ano, em outubro, foi fundada a cidade de Goiânia, a nova capital do Estado de Goiás. Waldemar Lopes (1938) retratou a fundação como um admirável feito do interventor Pedro Ludovico, em pleno coração do Brasil Central, e ainda defendeu:

A construção de uma cidade moderna e bem planejada, como o é a nova capital de Goiás, numa região ainda com o viço e o atraso de sua pureza primitiva, há de parecer a certos espíritos menos avisados um empreendimento destituído de conteúdo lógico, sem consistência e sem futuro. Não os lamenteis, porém, almas piedosas: deles será o reino dos céus. Goiânia vai ter uma função civilizadora do mais alto alcance, em mio áquele mundo ciclópico, onde as forças vivas da natureza conservam toda a pujança primitiva. Será ela [...] um verdadeiro dínamo propulsor de iniciativas avançadas e audaciosas; um núcleo de irradiação cultural localizado, do ponto de vista geográfico, num meio onde a sua missão só pode ganhar em eficiência e amplitude, gerando novas fontes de dinamismo, acionando vontades, mobilizando energias para abrir, naquela paisagem quase barbara que se espelha nas águas misteriosas do Araguaia, as clareiras de uma organização social e econômica perfeitamente enquadrada nos rumos da civilização moderna (Lopes, 1938, p. 05).

Em 1975 o país ainda vivenciava o período catastrófico e perverso da ditadura militar, à sombra do presidente e ditador Ernesto Geisel. O povo sentia a recessão generalizada, marcada pela alta inflação, índices desmesurados de desemprego, redução do poder de compra das massas e empobrecimento social e econômico.

Os acontecimentos citados servem para situar o leitor e a leitora sobre os momentos históricos, nos quais permearam a publicação dos livros de leitura *Goiás coração do Brasil* (1934) e *Brasília rainha do Planalto: história de Brasília para grandes e pequenos* (1975). Apesar dos quarenta anos de diferença, esses livros carregam o típico conteúdo moral e cívico, com finalidade patriótica em prol da constituição de uma identidade nacional que legitimasse regimes políticos vigentes. Ambos apresentam uma proposição didática pedagógica, sobretudo no ensino da disciplina de história, aliado a conteúdos de geografia, artes e ciências naturais.

Figura 2 – *Goiaz coração do Brasil* (Capa – Edição 1983)



Fonte: Monteiro (1983).

A obra *Goiaz coração do Brasil* foi o primeiro livro de História com foco didático, voltado para crianças do ensino primário — terceiros e quartos anos dos grupos escolares — adotado pelo governo do Estado de Goiás, por intermédio do *Decreto nº 4.349, de 26 de fevereiro de 1934*, por isso a ideia de caráter inaugural e inédito que o livro carrega em algumas pesquisas. Com duas edições comercializadas: a primeira escrita em 1933 e publicada em 1934 e a segunda produzida em 1980 e editada em 1983.

Ribeiro (2011) ressaltou que a iniciativa de Ofélia se fez, de certa forma, inovadora, pois até os anos trinta do século XX, a escrita da história local utilizada em sala de aula restringia-se à *Súmula de História de Goiás* (1932), escrita por Americano do Brasil. Os materiais, de ambos os autores, participaram do processo de redefinição ocorrido nas décadas de 1920 e 1930, marcadas pelos projetos políticos que se articularam sob um projeto nacional, protagonizado por Getúlio Vargas, que também incluíram os rearranjos locais.

Figura 3 – Brasília Rainha do Planalto: história de Brasília para grandes e pequenos (Capa – Edição 1975)



Fonte: Monteiro (1975).

A obra *Brasília rainha do Planalto: história de Brasília para grandes e pequenos* foi a última escrita didática da educadora, com apenas uma edição, publicada em 1975. Em reportagem desse mesmo ano, no *Correio Braziliense*, o jornal explicou se tratar de uma homenagem em particular aos quinze anos de inauguração da cidade, no qual Ofélia narra aos

seus netos, e junto a eles, a história de Brasília. “Não uma história completa, mas o registro de alguns fatos e acontecidos julgados por ela de maior importância na composição da história desta cidade, muitos deles ocorridos em datas que antecederam à da mudança da Capital da República para o Planalto Central” (Correio Braziliense, 1975, p. 2). A professora dedicou o livro aos “Candangos” de Brasília, dizendo: “[...] como parte do reconhecimento que lhes devem os brasileiros e, principalmente, os brasilienses. “Candangos” de Brasília são todos aqueles que a edificaram, desde o Presidente Kubitschek até o mais humilde dos operários” (Monteiro, 1975, p. 07).

O livro de leitura trata-se de um tipo de impresso escolar. É um exímio exemplo para o entendimento da história da educação brasileira em distintos aspectos, sendo destinado ao público infantil e voltado para o ensino da leitura e escrita inicial. Ao serem colocados em circulação, devem ser interpretados, conforme o que disseram, como disseram, o que pretenderam dizer e para quem se destinavam.

Razzini (2014) considerou que no século XX, o ritmo de produção dos livros de leitura aumentou sensivelmente, com o oferecimento de vagas nos Grupos Escolares. Foram possuidores de um poder econômico e simbólico, responsáveis por grande parte do faturamento das editoras. Panizzolo (2019) esclareceu que esses livros podem ser tomados como utensílios culturais que estabeleciam elos entre as estruturas mentais e as figurações sociais, apresentando sobretudo, uma “[...] infância idealizada e crianças virtuosas, obedientes, cumpridoras das normas e preceitos considerados adequados à época” (Panizzolo, 2019, p. 10).

Em ambos os materiais, Ofélia, no ensejo do ensino de história, endossou biografias de sujeitos que considerou ilustres, ressaltando a ideia dos ‘grandes vultos’, dignos de reconhecimento. Evidenciou a ideia do exemplo, da valorização do ancestral, a relevância da reflexão sobre o outro ser e o outro tempo. E, segundo sua opinião, deixará um legado, seja ele político, social ou cultural. Os homens políticos, religiosos, literatos e ocupantes de cargos das forças armadas, estiveram na centralidade dos livros de leitura estudados, ora como tema principal, em determinados capítulos, ora citados como informação complementar.

O livro sobre as “[...] coisas, fatos e pessoas de Goiás” (Monteiro, 1934, p. 95), é constituído por quatorze capítulos dedicados exclusivamente para a biografia de homens. sendo onze intitulados ‘Goianos Ilustres’. Nos capítulos ‘Caderninho de Eunice’ e ‘Caderninhos de Marisa’ a autora ainda descreve em uma sequência cronológica sobre os governadores de Goiás (Do Descobrimento à elevação a Capitania; Da elevação a Capitania até a Independência; No Império; No Governo Provisório; Os Presidentes do Estado; Os Governadores depois da Revolução de 1930). O quadro 1, com informações retiradas diretamente da fonte, revelam as biografias de homens brancos e influentes, e em sua maioria, no exercício de cargos políticos ou nas forças armadas. Identifica-se um repositório de modelos que retratou não apenas individualidades específicas, mas o entrecruzamento com o coletivo que o retratado conviveu.

Quadro 1 – Homens biografados no livro de leitura *Goiáz coração do Brasil* (1983).

BIOGRAFADO	NASCIMENTO/ FALECIMENTO	ORIGEM	PRINCIPAIS OCUPAÇÕES
Manuel Corrêa	Século XVII	Capitania de São Paulo	Bandeirante.
Manoel Rodrigues Tomaz	Século XVIII	Portugal	Bandeirante, Fundador de diversos arraiais.
D. Manuel de Assis Mascarenhas	1806-1867	Cidade de Goiás - Goiás	Deputado, Senador, Presidente de província [...]
Cônego Luís Antônio da Silva e Sousa	1764-1840	Tijucu do Serro Frio – Minas Gerais	Presbítero secular, Professor de latim, Literato, Membro do IHGB, Deputado [...]
Joaquim Xavier Curado	1743-1830	Jaraguá – Goiás	General, Chefe das armas da Corte, Barão, Conde [...]
Padre Luís Gonzaga de Camargo Fleuri	1793-1846	Pirenópolis – Goiás	Padre, Membro do Governo Provisório, Cavalheiro da Imperial Ordem do Cruzeiro, Presidente de Província [...]
Caetano Maria Lopes Gama	1795-1864	Recife - Pernambuco	Presidente de província, Ouvidor, Deputado, Senador, Ministro [...]
Joaquim Bonifácio de Siqueira	1883-1923	Cidade de Goiás – Goiás	Escriturário da Delegacia Fiscal do Tesouro Federal, Diretor de jornal, Poeta [...]
Comendador Antônio de Pádua Fleuri	1795-1860	Santa Cruz – Goiás	Tenente de cavalaria, Conselheiro Provincial, Presidente de Assembleia Provincial, Senador, Coronel da Guarda Nacional [...]
Marechal Brás Abrantes	1841-1923	Bonfim - Goiás	Praticante da tesouraria provincial, Praça em batalhão de infantaria, Tenente, Major, Coronel, General, Governador [...]
Dr. José Neto de Campos Carneiro	1855-1921	Catalão – Goiás	Médico, Intendente municipal [...]
Felix de Bulhões	1845-1887	Cidade de Goiás – Goiás	Desembargador, Promotor público, Jornalista, Poeta [...]
Dr. Pedro Ludovico Teixeira	1891- 1979	Cidade de Goiás – Goiás	Médico, Interventor, Governador de Estado, Senador, Deputado, Jornalista [...]
Bernardo Élis Fleury de Campos Curado	1915-1997	Corumbá de Goiás – Goiás	Escrivão, Prefeito, Delegado, Professor, Escritor [...]

Fonte: Levantamento elaborado pela autora, Dias (2024).

Os representantes da história regional ensinada são apresentados por meio de conceitos, trajetórias, fatos e datas. Eles são enaltecidos por meio de descrições exageradas, talvez propositais, objetivando convencer a leitora e o leitor, — a criança, a se impressionar com os grandes feitos a favor da pátria. Não bastou ensinar história por meio de exemplos masculinos, esses precisaram ser apresentados mediante uma enunciação repleta de advérbios e adjetivos, vejamos os exemplos com palavras fiéis às escritas na fonte.

Segundo Ofélia (1934), Manuel Mascarenhas foi um dos maiores magistrados brasileiros. Com uma carreira que deixou vestígios brilhantes. Rico de inteligência, severo no culto da justiça, político denodado, de prodigiosa memória; Luiz Antônio Sousa tinha inteligência viva, pregador e literato distinto; Luiz Fleurí foi um dos homens que mais trabalharam pela independência e teve vida brilhante; Caetano Gama, bom, delicado, fiel cumpridor de seus deveres, estimado por todos, de honestidade indiscutível; Braz Abrantes teve caráter excessivamente nobre e altivo; José Neto Carneiro foi um anjo de caridade.

Sobre os capítulos ‘Goianos Ilustres’, Aatoria (2018) esclareceu se tratar de uma declaração literal presente no *Regulamento e Programma de Ensino dos Grupos Escolares do Estado de Goyaz* (1925), priorizando a formação e a propagação de ídolos, necessários para a constituição da ideia de nação. Os nomes elencados no quadro 1, destacam lugares e ofícios comuns entre si, como a igreja e os cargos públicos. Foram médicos, jornalistas, políticos ou homens das letras. A formação de uma história feita por heróis permeia as narrativas dos ‘Goianos Ilustres’, destacando ofícios respeitados e admirados na época. Bem disse Hansen (2007), ao pontuar que o uso do sujeito virtuoso, do ‘herói’, objetivava, nesse tipo de livro, prender a atenção da criança, instigando e inspirando sentimentos e condutas.

Como dizia Pombo (1917), para despertar o “amor à pátria”, essa deveria ser conhecida por aqueles que, assim, deveriam amá-la. Logo, o trabalho, o heroísmo, a força e a virtude constituíam os atributos necessários para a formação do bom patriota que ama e respeita a sua pátria. O trabalho em torno da biografia nos leva a crer que, na realidade, a autora utilizou desse universo para instruir a civilidade tão desejada na época.

Quadro 2 – Homens biografados no livro de leitura *Brasília Rainha do Planalto: história de Brasília para grandes e pequenos* (1975).

BIOGRAFADO	NASCIMENTO/ FALECIMENTO	ORIGEM	OCUPAÇÃO
José Ludovico de Almeida	1906-1989	Itaberaí – Goiás	Farmacêutico, Interventor federal, Governador, Deputado [...]
Altamiro Moura Pacheco	1896-1996	Bela Vista - Goiás	Médico, Pecuarista, Promotor Público,
Jalles Machado de Siqueira	1894-1975	Alfenas – Minas Gerais	Prefeito, Deputado, Engenheiro [...]
Bernardo Sayão	1901-1959	Rio de Janeiro – Rio de Janeiro	Engenheiro Agrônomo, Ministro, Vice-Governador

Sebastião Fleury Curado	1864-1944	Cidade de Goiás – Goiás	Deputador, Diretor de Faculdade de Direito, Promotor Público [...]
Antônio Americano do Brasil	1892-1932	Silvânia - Goiás	Literato, Médico, Militar, Folclorista [...]
Aguinaldo Caiado de Castro	1899-1963	Rio de Janeiro – Rio de Janeiro	Militar, Senador [...]
Mauro Borges Teixeira	1920-2013	Rio Verde - Goiás	Militar, Governador, Senador, Deputado Federal [...]
Segismundo de Araújo Melo	1915-2003	Luziânia - Goiás	Advogado, Secretário de Governo, Prefeito, Conselheiro do Tribunal de Contas [...]
Randall do Espírito Santo Ferreira	Século XX	-	Secretário da Economia, Presidente de órgão governamental, Bancário [...]
Dário Délio Cardoso	1899-1987	Corumbá de Goiás – Goiás	Jurista, Magistrado, Jornalista, Professor, Senador [...]
Emival Ramos Caiado	1918-2004	Cidade de Goiás – Goiás	Advogado, Deputado, Senador, Fazendeiro [...]

Fonte: Levantamento elaborado pela autora, Dias (2024).

No livro sobre a “[...] rainha menina, Brasília, cujo manto real não é de púrpura... é verde, esmeraldino! Brasília, vestida de verde... do verde que simboliza a esperança... a esperança que o Brasil nela deposita!” (Monteiro, 1975, p. 12), os goianos ilustres aparecem em capítulos nomeados como ‘Goianos que trabalharam por Brasília’ e ‘Goianos que lutaram por Brasília’ – quadro 2. O material escrito e publicado nos anos setenta do século XX, se assemelha em diversos aspectos com *Goiaz coração do Brasil*, a começar pelo uso de diferentes fontes oficiais, como legislações e obras históricas, as quais são devidamente referenciadas, para subsidiar os conteúdos apresentados. Os homens são ainda enaltecidos como heróis, brilhantes, dignos de louvor, personagens célebres e notáveis, sem máculas. Observam-se dizeres laudatórios, certamente colocados propositalmente. Visando convencer e encantar leitoras e leitores, sobre os feitos à Pátria, de indivíduos dedicados a construir, desbravar, descobrir, lutar por Brasília e por Goiás, de tal maneira que o discurso eurocêntrico da formação de uma história de heróis é facilmente identificado.

As reticências colocadas nos quadros 1 e 2 atestam para a quantidade de ofícios e espaços ocupados por esses homens. Mascarenhas, Curado, Caiado, Fleurí, Bonifácio, Cardoso, Sayão, Abrantes, Bulhões, Teixeira, Carneiro dentre outros. Sobrenomes que representam um viés da nossa História Regional, que precisa ser questionada e vista por meio de uma profunda e necessária pluralidade. Vale ressaltar que esses homens sempre estiveram à frente de cargos decisórios, e que suas lutas foram deflagradas no interior de um contexto que não se tocasse em suas posições sociais (Dias, 2018).

CONSIDERAÇÕES BIOGRÁFICAS: DESPERTANDO NOVAS NARRATIVAS

—Bravo, Sílvia! Vejo ‘que aproveitas bem as lições de tuas professoras. Continua sempre assim, maninha, para serem um dia útil ao nosso Goiaz, contribuindo para ‘expulsar as trevas da ignorância, que escurecem a inteligência de grande parte de seus habitantes (Monteiro, 1934, p.73).

Os livros de leitura de Ofélia carregam as principais características desse tipo de material, atendendo os propósitos políticos e sociais dos tempos e espaços em que circularam. Embora destinados ao ensino da disciplina de história para crianças, cabe destacar se tratar de materiais de certa forma extensos para uma leitura inicial, ambos com mais de cem páginas, considerando que a própria autora endossou o propósito de uma escrita também destinada à leitura adulta. Em *Brasília Rainha do Planalto: história de Brasília para grandes e pequenos*, o título de antemão apresenta uma obra para todos os públicos. Na seção “Nota da Autora” de *Goiaz coração do Brasil*, Ofélia (1934, p.05) registrou: “[...] tive ensejo de observar a dificuldade com que lutam os professores goianos para encontrar os pontos de História de Goiás, que precisam ensinar e, então, lembrei-me de organizar este livrinho”. A inquirição nos aproxima da concepção de que as lições biográficas pretendiam ensinar não somente crianças, mas também auxiliar professoras e professores no ensino de história e, assim, coloca essas lições em uma posição de indispensabilidade na aprendizagem histórica das épocas nos quais os livros foram produzidos, adotados e comercializados.

No contato com os livros de leitura utilizados em diversos ambientes educacionais, que enobreceram, tantas vidas masculinas por meio da escrita biográfica, reconhece-se uma das conexões da biografia na reflexão histórica educacional de outros tempos. A grande maioria dos nomes biografados foi de homens brancos, de elite, ocupantes de cargos públicos e políticos em distintas cidades do estado de Goiás e de Brasília. É valioso compreender que essas biografias foram previamente selecionadas pela autora, considerando que retratavam pessoas com profissões respeitadas e admiradas. Ofélia Sócrates do Nascimento Monteiro utilizou referenciais históricos para produzir ambos os livros de leitura, fontes problematizadas neste texto. As lições biográficas sobre homens da elite política, religiosa, intelectual, social e regional, provavelmente são produtos de inspirações advindas desses escritos, constituídos por histórias masculinas, perfil e herança das narrativas dos Setecentos e Oitocentos.

A autora, mulher do seu tempo, ainda que baseada nos documentos que teve acesso, teve em vista atribuir protagonismo à figura feminina, de tal modo que bastando uma primeira leitura em *Goiaz coração do Brasil* e *Brasília rainha do Planalto*, percebe-se que Sílvia, Eunice, Iraní, Lucí, Iná, Aldacira, Tereza, Jurema, Lélia, Maria Terezinha, Letícia, Maria Lúcia, Olga Maria, Mônica, Ofelinha, entre outras, são as meninas que estudam história de Goiás, de Brasília e do Brasil, no grupo escolar, no ambiente familiar e na natureza, que conhecem lições científicas e empíricas. A mulher de seu tempo, fruto de suas omissões e resistências, partícipe de cenas públicas e privadas, com suas produções, quebra um paradigma e nos instiga a biografar mulheres, produzindo narrativas além do tempo. As lições biográficas registradas nos livros de leitura, também nos provocam acerca de como as biografias estão sendo descritas nos atuais

livros didáticos de história e quem são as pessoas biografadas, considerando questões como gênero, etnia e condição social e econômica.

A presença dessas meninas nos livros de Ofélia, merece ser problematizada, mas isso é outra história.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Jane Soares de. Professoras Virtuosas; mães educadas: retratos de mulheres nos tempos da república brasileira (Séculos XIX/XX). **Revista HISTERBR On-Line**. Campinas, n.42, p. 143 -156, jun. 2011. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8639871>. Acesso em: 22 set. 2024.

DIAS, Ana Raquel Costa. **Passeando pelos arredores: o ensino de História para crianças no livro Goiaz coração do Brasil (1934)**. 2018. 169 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação, Universidade Federal de Goiás, UFG, 2018.

DIAS, Ana Raquel Costa. **Biografias de Mulheres na História da Educação: Benedicta Stahl Sodré, Branca Alves de Lima e Iracema Furtado Soares de Meireles (Século XX)**. 2023. 391f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2023.

BRASIL, Antônio Americano do. **Súmula da História de Goiás**. Goiânia: SECUT, 1982.

BRZEZINSKI, Iria. Escola Norma de Goiás: Nascimento, Apogeu, Ocaso, Re (Nascimento). *In: Congresso Brasileiro de História da Educação*, 5, 2008, Aracaju. **Anais...** Aracaju, 2008. p.1 -29.

CANDAU, Joël. **Memória e Identidade**. 1ª ed., 4ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2018.

COELHO, Nelly Novaes. **A literatura infantil**. São Paulo: Quíron; Brasília: INL, 1981.

CORREIO BRAZILIENSE. **Literatura**. Brasília, nº 4559, 20 de junho de 195. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=028274_02&Pesq=%22Brasília%20rainha%20do%20planalto%22&pagfis=62197. Acesso em: 25 jun. 2024.

CORREIO BRAZILIENSE. **Historiadora goiana morre aos 86 anos**. Brasília, nº 8389, 25 de março de 1986. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=028274_03&Pesq=%22Brasília%20rainha%20do%20planalto%22&pagfis=80634. Acesso em: 28 jun. 2024.

DIÁRIO DA MANHÃ. **O primeiro pleito livre do paiz**. Recife, nº 0506, 06 de maio de 1933. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=093262_02&Pesq=%22O%20escravo%20foi%20libertado%20em%2088%20e%20o%20povo%20em%2033%22&pagfis=10327. Acesso em: 07 jul. 2024.

GOIÁS. **Decreto n. 4.349, de 26 de fevereiro de 1934.** Correio Oficial, Cidade de Goiás, p. 6, 1 mar. 1934.

GOIÁS. **Decreto de 31 de outubro de 1957.** Diário Oficial de Goiás, Goiânia, nº 7963, de 09 de novembro de 1957.

GOYAZ. **Decreto n. 8.538 de 12 de fevereiro de 1925.** Regulamento e Programa de Ensino dos Grupos Escolares do Estado de Goyaz. Disponível em: <https://reheg.fe.ufg.br>. Acesso em: 09 jul. 2024.

HANSEN, Patrícia Santos. **Brasil, um país novo: literatura cívico-pedagógica e a construção de um ideal de infância brasileira na Primeira República.** São Paulo: USP, 2007. 253f. Tese (Doutorado em História). – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

HARRIS, Theodoro L. HODGES, Richard E. **Dicionário de Alfabetização** –Vocabulário de Leitura e Escrita. Tradução Beatriz Viégas-Faria. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória.** 7ª ed. Revista-Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.

LOPES, Waldemar. Goiânia – O primeiro marco efetivo da “Marcha para o oeste”. **Carioca.** Rio de Janeiro, nº 164, 10 de dezembro de 1938. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=830259&Pesq=%22fundação%20goiânia%22&pagfis=9922>. Acesso em: 10 jul. 2024.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. *In:* DEL PRIORE, Mary. (org.). BASSANEZI, Carla. (coord.). **História das mulheres no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2015.

MONTEIRO, Ofélia Sócrates do Nascimento. **Goiaz coração do Brasil.** Senado Federal Centro Gráfico, 1934.

MONTEIRO, Ofélia Sócrates do Nascimento. **Brasília Rainha do Planalto: História de Brasília para grandes e pequenos.** Brasília: Editora Itiquira, 1975.

MONTEIRO, Ofélia Sócrates do Nascimento. **Goiaz coração do Brasil.** Senado Federal Centro Gráfico, 1983.

MONTEIRO, Ofélia Socrates do Nascimento. **Entrevista concedida a Iria Brzezinski.** Brasília, 1985.

NOVA directora. **Correio Oficial,** Goyaz, 22 de janeiro de 1925, p. 12.

PANIZZOLO, Claudia. Livros de leitura e a construção da identidade nacional de crianças italianas e descendentes (São Paulo no início do século XX). **Acta Scientiarum,** v. 41, 2019, p. 1-13. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/actaeduc/v41/2178-5201-aseduc-41-e45486.pdf>. Acesso em: 30 jun. 2024.

POMBO, Rocha. **Nossa pátria**. Narração dos fatos da História do Brasil, através da sua evolução, com muitas gravuras explicativas. São Paulo/Rio de Janeiro: Weiszflog irmãos, 1917.

PROFESSOR: a importância de sua missão. **Correio Oficial**, Cidade de Goiás, 6 de maio 1930. Secção Pedagógica. p. 8-9.

RAZZINI, Marcia de Paula Gregorio. O poder dos livros de leitura no início do século XX. *In*: MORTATTI, Maria do Rosário Longo; FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva. **História do ensino de leitura e escrita**: métodos e material didático. São Paulo: Editora Unesp, 2014, p. 291-314.

REVISTA DE EDUCAÇÃO. **Cursos de Aperfeiçoamento**. Goiás, nº 021, 1943. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=172812&Pesq=%22Ofelia%20socrates%20do%20nascimento%22&pagfis=230>. Acesso em: 13 jun. 2024.

REVISTA GENEALÓGICA BRASILEIRA: ORGÃO DO INSTITUTO GENEALÓGICO BRASILEIRO. **Esboço Genealógico da Família de Francisco Gonçalves Portela, e de seus ramos**. São Paulo, nº 011. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=145521&Pesq=%22Ofelia%20socrates%20do%20nascimento%22&pagfis=2797>. Acesso em: 09 jul. 2024.

RIBEIRO, Miriam Bianca Amaral. **Cultura histórica e história ensinada em Goiás (1846 – 1934)**. Goiânia: UFG, 2011. 351 f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal de Goiás, Goiânia. 2011.

RIBEIRO, Miriam Bianca Amaral. Ofélia Sócrates do Nascimento Monteiro. *In*: VALDEZ, Diane (org.). **Dicionário de Educadores e Educadoras em Goiás**. Séculos XVIII – XXI. Goiânia: Editora Imprensa Universitária, 2017.

RODRIGUES, Anderson de Brito. **História da Psicologia em Goiás**: saberes, fazeres e dizeres na educação. 2007. 223 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia: 2007.

SOUZA, Eduardo de. Objetos da modernidade: a Escola Caetano de Campos e seu jardim de infância – São Paulo (1890-1920). **Revista Linhas**, Florianópolis, vº 24, nº 54, p. 431-462, jan./abr. 2023. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/view/20853/15295>. Acesso em: 23 jun. 2024.

SÚMULAS biográficas de cidadãos prestantes. São Paulo: Ensil Publicações Culturais, 1975.

VALDEZ, Diane. ALVES, Miriam Fábila. Espaços de Educar: Biografias femininas e ensino de História da Educação. **Revista Brasileira de História da Educação**, v. 19, 2019, p. 1-20. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/47207/751375148420>. Acesso em: 21 maio. 2024.

VOZ DE LUZIÂNIA. **Gelmires pede espaço**. Luziânia, Goiás, nº 06, 10 de julho de 1982.

Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=573817&Pesq=%20Ofelia%20socrates%20do%20nascimento%22&pagfis=90>. Acesso em: 08 jul. 2024.

Recebido em: 11 de julho de 2024

Aprovado em: 29 de setembro de 2024